



Redacção e administração

Praça dos Restauradores
43 A 49

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Annuario Commercial—C. da Gloria, 5 Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO: — Mathilde Marchesi — Rabeca ou rebecca? — Notas vagas — Concertos — Noticiario — Bibliographia.

MATHILDE MARCHESI

MADAME Mathilde Marchesi (Marqueza de Castrone, née Graumann, nasceu em Francfort-sur-le-Mein, a 26 de março de 1826. Estudou canto em

Vienna d'Austria sob a direcção de Otto Nicolai, e em 1845 partiu para Paris para seguir a escola de Garcia, pae das Malibran e de madame Viardot.

Tornou-se tão notavel a sua vocação pelo ensino que Garcia, doente, confiou-lhe, apesar da sua pouca idade, a direcção de todas as suas discipulas.

Tomou depois lições de declamação com Samson, professor da grande tragica Rachel e em seguida partiu para Londres onde encetou a sua carreira de concertista.

Em 1852 desposou o Marquez de Castrone, refugiado politico italiano e cantor distincto e em

1854 foi nomeada professora do conservatorio de Vienna, voltando a Paris em 1861, onde se relacionou com as maiores notabilidades artisticas, entre outras com Rossini que especialmente a apreciou; eis o que o illustre maestro escreveu ácerca do livro de madame Marchesi intitulado: *L'Ecole du*

Chant, e que publicamos em francez para nada lhe tirar do seu sabor primitivo:

«Ce livre renferme la vraie méthode de chant italien et tous les éléments de l'art dramatique. Cette méthode est spécialement précieuse en cette époque où l'art du chant est traité avec la désinvolture qu'on aurait à prendre d'assaut une barricade».

O que diria Rossini se vivesse agora, elle que em 1861 achava que os cantores estudavam tão superficialmente a sua arte! Elle que tão severamente dizia: «On ne pardonne le chevrotement de la voix qu'aux vieux chanteurs», e depois de uma pausa... «du reste on devrait tuer les vieux chanteurs!»

Em 1865 a Marchesi foi para a Colonia onde tomou a direcção do conservatorio de canto, até 1868, em que foi novamente chamada para o conservatorio de Vienna, cuja reconstrucção se effectuara, sendo-lhe confiada a direcção das aulas de canto.

Ali permaneceu dez annos e formou artistas como Etelka Gerster, madame Proska, a Krauss, a Nevada, Bouliccioff, Amelia Stahl.

O imperador d'Au tria concederou-a com a grã-cruz de merito, poucas vezes concedida a senhoras, os reis de Saxe, de Weimar, o imperador d'Allemanha, o rei d'Ita-



lia também lhe offereceram eguaes distincções.

Só em 1881 deixou a Marchesi Vienna, para se fixar em Paris onde a seguiram algumas das suas alumnas de Vienna. Todo o Paris artistico se recorda ainda com saudade dos côros e sólos que ella fez executar nos seus salões.

Gounod, Liszt, Verdi, Rubinstein, tomavam então a batuta para reger as jovens artistas, cujas vozes admiravelmente educadas formavam o mais brilhante conjuncto.

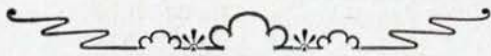
Rubinstein, quando foi director do conservatorio de Moscou mandava todos os annos á Marchesi as melhores vozes do conservatorio; o governo russo pensionava as alumnas para que o methodo Marchesi ficasse tradicional nos conservatorios russos.

Em Paris foi tal a affluencia de discipulas que não houve tempo de continuar com os côros; as estrellas formadas em Paris foram entre outras, mesdames Melba, Calvé, Sybil Sanderson, Frances Saville, Suzanne Adams, Jane Worwitz, Carolina Salla, e Blanche Marchesi, filha da illustre professora, que é uma *diseuse* incomparavel.

Madame Marchesi teve algumas discipulas que por especial vocação se dedicaram ao ensino do canto; em Berlim, madame Gerster, em Lisboa, Bensaúde, em Paris, Gabriella Krauss, em Londres, Blanche Marchesi tem procurado manter em toda a sua sciencia e pureza o seu incomparavel methodo.

Madame Marchesi publicou 35 obras que formam uma escola completa. São os cadernos d'*Exercices élémentaires et de vocalises* para vozes de mulheres e dois methodos de canto publicados um em allemão, em Vienna e outro em francez publicado em Paris, Londres, Milão e Copenhague. A sua interessante *Autobiographie*, publicada na Allemanha e America foi unanimemente louvada pela imprensa dos dois paizes e conta duas edições (1898).

V. B.



RABECA OU REBECA?

E' do theor seguinte a carta que recebi do sr. visconde de Frias e com que julgo têr por terminada a discussão.

Meu amigo.

Embora eu preferisse a música dos rouxinos, que me cercam nêste rústico apartamento do bulício lisboêta, rabecarei, ainda uma única vêz, sôbre os motivos do meu

reparo, que a estas páginas me trouxe por convite e amabilidade sua; e começarei por declinar de mim a honraria, que a sua bondade amistosa, e por isso algo suspeita, me confere, collocando-me na elevada cátedra de filólogo, que estou longe de sêr, mau grado meu, como é de vêr.

Numa dúzia de livros do meu punho, escritos por desfastio, nos intervalos de uma vida abrohada de escabrosidades, livros, de que talvez se não lembra nem uma dúzia de pessoas, a bem da troça nacional, procurei sempre, com a obscura intransigência do meu patriotismo, rebelar-me contra o estragamento progressivo da nossa linguagem, tentando escrevêr correntiamente, e espancando adulterações e estrangeirismos desnecessários, embora a moda, que também entra em lêtras superficiaes, o desleixo e a insciencia de escrevedôres vários me apontassem norteação diversa.

Nada mais, meu caro amigo.

Ora daqui á elevação pindárica, que, benevolentemente, me foi arrogada, e eu, embora agradecido, não aceito, vae uma consideravel distância.

Entrando na verêda, aberta a um plebiscito da *Arte Musical*, a propósito do meu arrazoado sôbre a falsa denominação dada á nacionalíssima *rabeca*, afirmarei que me aplaudo da iniciativa, visto que ella serviu para que o estudiôso e distincto autôr do bello escrito *Chansons et Instruments* viesse a terreno dar mais uma excelente prova dos seus conhecimentos musicaes, como mestre da especialidade, pois que, sem êlles, a investigação acurada, que largamente expoz aos seus leitôres, nos dois números successivos do seu periódico, não seria tão vasta, nem tão apreciavel.

Ao assunto das minhas cartas, porêem, nada se acrescentou de contradictório, sendo invertidas, infelizmente, provadas afirmações e transferidas para um campo, onde eu não entrei, e onde ninguem entrou ainda, dêsde a antiguidade aos nossos dias.

Foi, em verdade, inteiramente deslocada a sùmula dos meus dizêres, pretendendo-se com a secundária base etimológica deitar abaixo a confirmação de um facto consagrado, como vem a sêr a denominação portugueza de *rabeca*, dada ao instrumento dêsse nome, que estrangeiramente se começa a chamar violino.

Afirmando eu pela bôca das autoridades, que falaram do caso, que a origem do termo não era bem conhecida, attribuindo-se a uma corruptela da palavra árabe *rababa*, afastei tôda a questão etimológica, a que liguei pouca importância, como ligo sempre ás coisas minúsculas de etimologias, em que

têm esbarrado muito bons intellectos, sem nenhum proveito para a linguística, desde que se regista, como na situação presente, um facto assente, apenas deturpado pelo descuido ou pela leviandade de alguns dicionaristas, poucos, e por uma parte da imprensa, que é traçada sobre o joelho.

Já em outro lugar eu disse ⁽¹⁾, e repetirei, que opino, sem recorrer a estranhos do mesmo pensar, como opinou o sabio humanista do Collegio das Artes da Universidade, Gomes de Moura, que, sendo professor de grêgo, chavão de largas origens linguísticas, claramente demonstrou, na sua eruditíssima obra *Monumentos da Lingua Portuguesa*, que — ora se tornava difficil, ora impossivel conhecêr a etimologia e por tanto a noção própria das palavras antigas ou derivadas das linguas estranhas.

E nesta afirmação categórica cita alguns dizêres do grandê sabedôr, universalmente acatado como autoridade potente, Scheller, que afirmou, por seu turno: *Nihil difficilius etymologia*.

Para reforço, ainda maior, da minha opinião, citarei, na actualidade, os trabalhos, que, haverá uns quatro annos, se desenvolveram em França, por intermédio e iniciativa do respectivo ministro, que foi discutir as suas idéas nas sessões do consêlho de instrução pública, tendentes a modificar os estudos do grêgo antigo e do próprio latim, cujos clássicos estão vertidos e explicados em tôdo o mundo culto, linguas, como também já alguém aventou entre nós, que hão-de sêr talvez em breve destinadas somente aos eruditos e aos sábios, postas na mesma categoria do hebreu, do árabe, do celta, do chaldaico, do persa e de outras linguas orientaes.

Modificada ou perdida a influênciã obri-gatória do estudo do grêgo e do latim, que poderá subsistir das raizes, onde as linguas preponderantes fôrã buscar algumas etimologias, muitas dellas simples trambôlhos, que nunca se adaptam á índole do idioma, que as busca?

Absolutamente nada fóra dos arraiaes eruditos.

Eu não tratei, senão levemente, por sêr ignorada, da genuina feição morfológica do têrmo; e sim, que era o que importava, do seu modo de existir e situação inamovível dentro da nossa lingua.

Tudo, que me foi citado sobre problemáticas origens, só tem valôr intrínseco de bôa investigação e nada mais, pois que não al-

cansou, como ninguem conseguiu ainda, citar o vocábulo de uma exacta procedência.

E isso nada importa para o assunto debatido, que só trata de um facto secular, não contraditado, com o consenso e chancela dos nossos maiores e melhores escritôres e da filologia antiga e moderna, especialmente esta, pois que os verdadeiros estudos da especialidade são relativamente modernos.

O meu amigo, pois, embora lucidamente, como era de esperar, equivocou-se no rumo a seguir, nada conseguindo provar com lêtras nacionaes; e, como faz a habil advocacia em questões infelizes, querendo agarrar-se a simples indícios, que não podem fazer prova, embora mesmo que não falhassem, como falharam, dando-se, de mais a mais, a agravante, de que a questão não era comigo, que pouquíssimo ou nada valho, e sim com as autoridades citadas e não citadas, com poetas e prosadôres de bom quilate, useiros e veseiros da palavra apontada como genuina.

Depois da sua larga e afanosa exposição investigatória, termina o meu amigo, dizendo que *rebeca* pode têr outra significação alem de enxergão de palha, vela de navio e mulher de Isac; e cita-me têrmos musicaes com duplo sentido.

Ora valha-nos Deus, que bem pode!

Apesar de, em Portugal, cada individuo escrevêr como quer, sendo os próprios, que entram em corporações scientificas, os primeiros a discordar de uma pauta certa — ainda não chegámos ao tempo de cada qual fazer enxêrtos híbridos, quando lhe lembram.

Essa illusória e errônea teoria é uma das desengonçadas tangentes, que tem feito que o nosso opulento idioma estêja eivado de adulterações, que representam farrapagem em quem tão rico é.

Uma variante é realmente um bom recurso acomodatício da citada advocacia.

Os que têm escrito, e escrevem falar com dois *ll*, categoria e têr com um *h*, litteratura com dois *tt*, sacristão com *ch*, coliseu com *γ*, a miudo por amíude, explosir por explodir, *detalhes* por minuciosidades, *reclames* em vêz de reclamos, *adresse* por direção ou enderêço, *dandy* por taful, casquilho, massada por maçada; *chapeleria*, *cavaleria*, *infanteria* e *artilheria* por *chapelaria*, *cavalaria*, *infantaria* e *artilharia*, e tantos e tantíssimos dislates de igual e maior jaês — também podem alegar que praticam variantes.

Pelo visto, pois, o meu delicadíssimo contendôr, quando escreveu no opúsculo *Chansons et Instruments rabeça*, e tempos depois, neste periódico *rebeca* não o fez por não possuir idéas definidas sobre o carácter pro-

(1) Na nota final do meu último livro *O Poeta Garcia*.

sódico da palavra, e sim por simples variedade, tal é o seu amôr ao género.

Já os latinos diziam: *Variatio delectat*.

O peor é que essas e outras variantes só por capricho ou teimosia, contra que não ha argumentação possível, nem provas adstrictas, se poderão exercêr.

Se nós em português, seguíssemos a doutrina alegada, e tomássemos, por exemplo, *ee* iniciaes ou componentes de sufixos francêses, que entre nós são formados por *aa*, como nas últimas palavras, que atrás ficam citadas, de ha muito que a nossa abastada língua seria genuina roupa dos ditos francêses, por quem bebemos os ares na literatura e nos vestuários, em razão da nossa qualidade actual de primeiros pataratas da raça latina em artes, juizo e lêtras.

Por economia de tempo e espaço, termino aqui o mais, que podia deduzir dos meus modestos raciocínios sôbre questões morfológicas, e entro-me na matéria principal, que vem a sêr o acrescentar, sem vastas explicações, a lista dos lexicógrafos, escritôres e filólogos, que dizem comigo, ou melhor, com quem eu digo, entre os quaes entraram os dicionaristas Valdez, Moraes, Bordo e Almeida, os antiquários Santa Rosa de Viterbo (1) e João de Sousa e os modernos filólogos Candido de Figueiredo, Gonsalves Vianna, estas últimas quatro identidades primaciaes, duas antigas e duas modernas.

Folheando casualmente, na leitura diária de coisas várias, usada sempre que me é possível, o poema *Os Toiros* do poeta satírico Antonio Joaquim de Carvalho, a páginas VII da prefacção, escrita em verso solto, encontram-se êstes dizêres consagrados ao amigo, a quem a obra é dedicada:

O caro amigo, se não és verdugo,
Se tens alma de *Rabeca* pôdre

.....

Na tradução das *Fabulas Russas*, de Kriloff, publicada pelo doutôr Felix Pereira, diz êste, quando fala da vida do autôr, que o escritôr russo era entusiasta pela música, e tangia *rabeca* de um modo admiravel.

Felix Pereira poderá, aqui e acolá, sêr tido por difuso ou arcaico, mäs ninguem de ânimo imparcial e justo deixará de o classificar como bom sabedôr da sua língua.

O erudito e afamado brasileiro padre Cor-

reia de Almeida, elogiado por Castilho e citado por Camillo no *Cancioneiro Alegre* classificando-o de poeta graciôso, nítido e erudito, tem no poemêto, dedicado ao entruído, a seguinte quadra:

Repara no magistrado
paramentado de beca:
musico em vêz de letrado
vive do arco e da rabeca.

O dicionário prosódico de João de Deus, edição de 1895, só menciona *rabeca*, como instrumento, dando a significação usual de vela, próxima da mazena, á *rebeca*.

O *Dicionário Contemporaneo*, um dos mais apreciados, compôsto pelo insigne latinista, poeta e erudito homem de lêtras doutôr Santos Valente, só regista *rabeca*.

O Bluteau, apesar de mencionar a corruptela, insiste tambem na *rabeca*, dizendo-a derivada do árabe *rehab* ou *rebaba*, que no Lexicon Coptico, segundo os intérpretes, é lira; e afirmando que alguns a derivam do hebraico *rebiac*, que significa instrumento, a que os latinos chamaram *sistrum*; e outros finalmente de *rebat*, que, na lingua céltica, vale o mêsmo que rabeca.

Bluteau, ainda quando trata do augmentativo do têrmo, escreve *rabecão*, que classifica instrumento maior que *rabeca*.

O célebre jesuita frei Bento Pereira, autôr da *Prosodia Vocabularum Bilingue Latinum et Lusitanum*, organizada scientificamente pãra a academia de Evora, no *Tesouro da Lingua*, apenso a essa obra monumental, menciona só a *rabeca*, e dá-lhe o significado latino de *lyra rustica*.

E por último, que mais não é preciso, venha o Littré, tambem como última *ratio*.

Littré é o patrão Lopes do purismo lexicográfico. Uma simples tábua do seu salvavidas universal tem poupado a vida a muitos naufragos da resaca filológica.

A minha fraquêza não precisava do seu auxílio, porque estou em terra firme e numa pujante companhia; a opinião do atleta será porêr o supremo dó do peito, a rabecada final de sonoridade indestructivel.

Littré, tratando das etimologias do seu vocábulo *rebec* diz: hespanhola *rabel*; portuguesa *rabil*, *arrabil* e *rabeca*.

O próprio frei Bento, acabado de citar, dá a *rabil* o mêsmo significado latino, que marca pãra a rabeca, perfilhando ou antecedendo, na sua elevada sabedoria, a sentença de Littré.

E basta!

Não! não basta ainda. Ia-me esquecendo como remate e prova cabal do facto consu-

(1) As picuinhas são proprias das causas infelizes. Até um lapso visível de revisão, que chamou ao Viterbo—Souza Viterbo, serviu, entre parenthesis, pãra têxto de argumentação.

Corrigendas dêste molde sejam tôdas pelo divino amôr de Deus!

mado, que não precisa de etimologias, (1) o maioral dos nossos filólogos, o guarda supremo do nosso erário linguístico.

Cá estou em plena província beirã: dou um elevado prémio, compatível com as minhas fôrças, a quem me prove que homem ou mulher, sem tinturas de corrupção cidadã, pronuncia coisa diferente de *rabeca*.

— Que tal está o da *rabeca*! — diz muito bem o pôvo.

— Olhem a serigaita! lá estava agora a *rabecar* com o rapazêlho!

— *Rabeca* p'ra hi, diabo!

— A *rabecar* é que tu andas sempre!

Pela lei fonética do menor esforço, tão admitida e necessária em filologias, até se vê que, especialmente, o verbo *rabecar* seria espúrio, como productôr de uma prosódia difícil de modular, detestavel.

E concluirei, ainda com o pôvo, lembrando a canção popularíssima, cá do sítio, onde diz:

O bom do Domingos
a mail-a mulher
jogaram os coices
atrás do tonel.

Vieram os filhos
pediram-lhe pão:
toca *rabeca*
Domingos João.

Nanja eu que *rabeque* mais do que êlle.

VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS.

Pombeiro da Beira, 22 de junho de 1905.

P. S. — Se no meu arrazoado houver qualquer dureza de expressão, que desperte no meu amigo o mais insignificante sobreceño, tenha-a por não escrita, pois que bem sabe a acendrada consideração, que tributo á sua pessoa e ao seu carácter.

Nem por sombras me magoam as palavras do sr. visconde, mas entendo effectivamente que o debate já vae perdendo... a alegria.

Não é mesmo facil tirar conclusões positivas de pareceres tão desencontrados e por vezes tão fracamente documentados.

(1) E esse facto em tudo se revela. O *Seculo* anda de ha muito a publicar um folhetim, intitulado *O Tocador de Rabeca*; a casa Sassetti annunciava no mês passado, a venda de uma *rabeca* de Galrão, feita em 1775; e ha dias, um estrangeiro publicava no *Diario de Noticias*, umas linhas, dizendo que compra instrumentos de corda antigos, incluindo *rabecas*, embora estejam em mau estado.

Os srs. Sanches de Frias e Candido de Figueiredo optam intransigentemente pela *rabeca*: o snr. Theophilo Braga admite como vernacula qualquer das duas formas *rabeca* e *rebeca*: finalmente o sr. Carlos de Mello aceita-as a ambas, com a condição de que signifiquem instrumentos differentes.

Ninguem mais acudiu ao chamamento e temos de nos contentar por agora com as opiniões discordantes que aqui successivamente publiquei e cujo enunciado significou para esta revista uma honrosissima deferencia por parte de tão abalisados correspondentes.

Agradecendo-a penhoradamente, tomo a peito declarar que a porta continua aberta para toda e qualquer indicação que esclareça o assumpto ou imparcialmente o resolva.

E se mantenho o meu ponto interrogativo, apezar dos cathgoricos dictames do meu brilhante contendôr, fique bem assente que não é por impertinencia minha, nem teimosia, e muito menos por um *desejo de variar*, que nunca estive no meu espirito e que não tinha rasão alguma de sêr.

O meu unico desejo é convencer-me e convencer aquelles para quem a questão ainda continúa duvidosa.

LAMBERTINI.

NOTA: — Declaro, a pedido do snr. visconde de Sanches de Frias, que a sua ultima carta foi recebida n'esta redacção antes de publicado o numero anterior.



CARTAS A UMA SENHORA

LXXV

De Lisboa

Minha senhora

Tenho então de lhe falar de mim para poder falar-lhe d'elle?

Seja; pois nos ultimos vinte annos de tal modo encontro misturada a minha vida á d'esse grande homem de bem que se chamou Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos que para alguma cousa lhe dizer a seu respeito forçoso é evidenciar-me eu.

Lembra-se d'essa epocha; os dias decorriam-me pallidos nas quatro paredes do gabinete da revisão da Imprensa Nacional, quando alguém me indicou para explicador de varias materias do curso secundario a um dos filhos do pranteado morto.

Benevolmente acolhida essa indicação pelo inolvidavel amigo que perdi e que então mal me conhecia, de meras relações de sociedade, eis-me para logo admittido no intimo circulo dos seus, sentado á sua mesa, conviviva das suas festas.

Pouco depois, a morte levava Flamiano Anjos e a breve trecho eu era convidado a acceitar o cargo de secretario de quem, entrando na posse e direcção definitiva da importante casa commercial do seu nome, precisava de alguém que o coadjuvasse nos trabalhos da escripturação propriamente sua.

Acceitei, e se não julgasse uma especie de offensa ao pudor de certos movimentos do coração tornar publicas palavras que só guardadas conservam o perfume que encerram, transcreveria para aqui aquellas que elle por tal occasião proferiu, ao investir-me na sua confiança plena.

Basta que saiba querida amiga, que desde então eu fui pela sua familia olhado como sendo do mesmo sangue, como um irmão, ou como um filho, e se todos me supportaram as ratices, elle aturou-me mais do que isso, aturou-me impaciencias de genio, desigualdades de humor, anomalias de character, que em rigor apenas aos nossos poderemos tolerar—quando toleramos.

Pois tudo isto eu tive para com elle, com pezar mas com lealdade o confesso, porque assim não faço senão enaltecer-lhe a memoria e mostrar uma faceta mais do seu particular feitio, tão insinuante e tão singelo.

Porque, convém notar que eu era pelas idéas e pelas tendencias, pelo temperamento e pela orientação, diametralmente o contrario de Polycarpo Anjos, um conservador pela educação e por natureza, um homem de ordem pela especial situação em que se encontrava e pelo genero de occupaões a que se dedicara, um disciplinado, e um disciplinador, em summa.

Ora eu, sobretudo n'esse periodo agitado da minha existencia, surgia-lhe como coisa diversa em tudo, e devia parecer-lhe um jacobino, um exaltado, um *pé fresco*, não deixando de ser curioso aos olhos de um psychologo vêr em constante contacto, em convivio de todas as horas, duas creaturas tão dissemelhantes e, o que é peor, tão anti-nomicas, sob quasi todos os aspectos.

Todo esse periodo chamado da dictadura de 90 o levamos nós em discussões pegadas, e ai de mim, o que elle me ouviu e me desculpou! o que eu lhe disse e avancei, em inflammadas apostrophes, em apoplecicas indignações!

E elle sempre condescendente e bom, sempre tolerante e paternal, apenas algumas

vezes me recommendava tivesse cuidado, não fosse espadeirado pela municipal ou preso pela policia!

Não raro eu parei de trabalhar e de fazer o que devia fazer e *para que era pago* a fim de me embrenhar com elle em sabbatinas medonhas e em que, reconheço-o agora, a miude transpuz a linha do respeito e da deferencia, só com o intuito de deixar campear independente a minha loquella exaltada e rubra, n'uma incontinencia que apenas era excedida pela sua tolerancia...

E no entanto nunca esse chorado e indulgente amigo se lembrou de invocar a sua superioridade de mandante para me fazer calar, nunca sequer me chamou á realidade da minha situação de seu empregado para me suscitar o dever de cumprir a minha tarefa, deixando para os outros ou pelo menos para outras occasiões as minhas idéas ou os meus furores...

Ah! querida amiga, agora que o silencio sagrado de uma sepultura se interpõe a tudo isso, e que eu principio a realisar o que fui, o que fiz e o que lhe devi, pergunto a mim mesmo, antes de o perguntar aos outros, se seria facil encontrar no meu caminho quem nada me sendo pelo sangue ou pela vida, como esse modelar amigo mais bellas e mais persuasivas lições me dêsse de fraternidade e de cordura, de paciencia e de grandeza...

As mesmas idéas de que eu me julguei apostolo, e de que me confesso adepto, eu n'este instante hesito em dizer onde estavam melhor inculpidas, se n'elle, que praticamente na correnteza de cada dia efficazmente as traduzia em actos, se em mim que não faço mais talvez do que amal-as pela musica do seu rythmo, pela belleza da sua forma?!

Na essencia elle esteve quasi sempre com o que ellas encerram de fecundante e nobre, e se á sociedade portuguesa em todas as categorias que a compõem, fosse dada a inestimavel felicidade de possuir muitos homens assim, do seu character e do seu bom senso, da sua hombridade e da sua rectidão, seguramente que outros seriam os nossos destinos e mais limpidos nos appareceriam os horisontes que a limitam no presente e que a annuiviam pelo futuro...

Em tudo quanto entrou ou onde teve ingerencia elle amplamente o demonstrou—pelo conselho e pelo exemplo.

E porque já muitos disseram das suas virtudes civicas e da sua existencia domestica, e em formosos e lapidares periodos foi mostrada a sua alma e a sua vida, e eu não diria tanto, nem diria tão bem, quero ao menos, pois que tudo lhe devi, consideração, carinho, apoio, favores materiaes e gentilezas

de ordem moral, declarar que são cada vez em maior numero os que me chamam para essas indefinidas e mysteriosas paragens de onde se não regressa e que d'entre tantos vivos-mortos que por aqui se agitam e os mortos-vivos que me enchem a alma e me povoam o espirito, este que agora lá começou a sua nova existencia luminosa e etherea é dos que mais fundo me fazem pensar no pouco que é o mundo ao vêr o nada que somos nós, ao mesmo tempo que o espinho vivo da saudade para todo o sempre me desenha, contornado em lagrimas, o seu perfil bondoso tão vivamente querido...

AFFONSO VARGAS.



Estava já no prelo o nosso numero passado, quando recebemos da illustre professora, a sr.^a D. Candida Cilia de Lemos, um amavel convite para assistir a um concerto organizado em sua casa pela mesma senhora e a que infelizmente não pudemos concorrer, por motivo de força maior.

Effectuou-se em 28^o esse concerto e no programma, que temos á vista, alem de Mad.^{me} Lemos que executou grande numero de peças para piano e órgão, em que é eximia professora, figuram as snr.^{as} D. Adelaide Timbal e D. Esnestina Monteiro, o sr. José Thomaz Ferreira com varias poesias e o snr. Carmo Dias com peças de guitarra.



Com uma optima sessão musical, caprichosamente organizada, fechou-se em 30 de junho passado a serie de concertos a que tem presidido o professor Bahia e cujos programmas temos integralmente publicado.

Não é muito costume nosso promenorisar os programmas e não será difficil comprehender essa quasi systematica abstenção, pensando que o espaço das nossas modestas 12 paginas não pôde chegar para tudo. Força é abreviar; mas a 6 audições em que o esforçado mestre pretendeu este anno evidenciar o resultado dos seus trabalhos de leccionação particular, representam, para nós e para todos, uma tão alta comprehensão da pedagogia musical e uma orientação tão superiormente enveredada, que não sou-

bemos resistir á tentação de mostrar aos nossos leitores a detalhada contextura de cada um dos programmas, para dar ideia, ainda que pallida, da seriedade do ensino de Francisco Bahia.

E depois não podemos occultar que nos interessa em extremo este professor. Ha muitos leccionistas, mesmo de elevada cathogoria, para quem a questão primacial e ante a qual todas e todos se devem curvar, é a questão material dos proventos que hão de auferir do seu trabalho.

Para esses a questão d'arte é tão absolutamente secundaria que a subordinam sem remorso a um intuito capital — o dinheiro; para esses não ha ideias artisticas, ha uma exclusiva e constante especulação com a credulidade, com o snobismo e com a crassa ignorancia dos outros. E nem



sempre se dão mal com isso.

Bahia porem não pertence a esse numero, felizmente restricto entre nós. Tem os olhos principalmente fitos no constante progresso das suas alumnas, a quem quer como filhas, e por quem fará todos os sacrificios sem hesitar. Os resultados da sua abnegação e do seu esforço tornaram-se agora palpaveis e ninguem os poderá discutir.

Na ultima audição coube a vez a alguns dos mais antigos discipulos, que na sua maioria já professam a arte e estão mantendo com singular dignidade as tradições do mestre.

A notavel cantora snr.^a D. Africa Calimerio e os professores Bahia e Cardona completaram o programma, que a exemplo dos anteriores, vamos transcrever no integra.

I

<i>Krakowiak</i> , fondó.....	Chopin
D. JULIA DOS A. CARREIRA	
e no segundo piano	
D. MARIA CARREIRA ALVES	
<i>Sonata «Clair de lune»</i>	Beethoven
D. MARIA DO CARMO BAHIA	
<i>Les Saisons</i> , aria.....	Massé
D. AFRICA CALIMERIO	
a) — <i>Etude</i>	Chopin
b) — <i>Andante spianato e rondó</i>	Reinecke
AROLD SILVA	
<i>Rapsodie hongroise</i> (8. ^a).....	Liszt
D. FLORA N. SILVA	

II

<i>Rapsodie hongroise</i> (12. ^a).....	Liszt
D. MARIA A. SANTOS	
<i>Andante cantabile</i> (violino).....	Sgambati
JULIO CARDONA	
a) — <i>Nocturne varie</i>	Chopin
b) — <i>Toccata</i>	Schumann
FRANCISCO BAHIA	
<i>D. Carlos</i> , aria.....	Verdi
D. AFRICA CALIMERIO	
<i>Sonata «à Kreutzer»</i>	Beethoven
BAHIA E CARDONA	

Mal nos ficaria estabelecer preferencias, tratando-se de um concerto particular e sem pretenções, como este; mas sem que a citação possa envolver lisonja para o pae, que de lisonjas somos incapazes, custa-nos calar, mesmo quando não queiramos alludir aos mestres já conhecidos, a profunda impressão d'arte que nos deixou a sr.^a D. Maria do Carmo Bahia, que pela primeira vez ouviamos e cuja execução nos deixou litteralmente surprehendidos.

A sua sonata é uma peça de exame e tão perigosa pelas exigencias da interpretação e pelos riscos do inevitavel confronto que só um artista feito e com a plena consciencia dos seus recursos é que se pode abalançar a executá-la.

D. Maria do Carmo, a intelligente e sympathica filha do professor Bahia, pareceu-nos esse artista feito e consciente e se não fôra alguma timidez no adagio inicial, que sendo uma das paginas de ouro do immortal Beethoven⁽¹⁾ é tambem, a nosso vêr, uma tortura para os pianistas, diriamos sem hesitar que estavamos em presença de um mestre consagrado e não de uma *débutante* na primavera da vida.

Se o espaço não nos escasseiasse, teriamos de fazer tambem largas referencias a outras discipulas de Francisco Bahia, já hoje professoras, que se singularisaram n'esta brilhante serie de audições, de forma a merecer grandes louvôres.

Mas a noticia já vae demasiado longa. Ao fechal-a, não podemos deixar de felicitar o eminente professôr, pelo seu optimo traba-

lho, saudando ao mesmo tempo os discipulos pela forma como o secundaram e pela gloria que lhes coube n'estas notaveis audições.



O concerto do dia 3, effectuado no salão do Conservatorio e promovido pelo violinista Raul da Silva Duarte, conforme annunciava o programma, embaraça-nos um tanto.

Em primeiro lugar é o snr. Raul da Silva Duarte um violinista? Parece-nos haver exagero na classificação que a si proprio se attribue este moço, como exagerado é tambem o *aplomb* e desempenho com que prematuramente se quiz apresentar em publico.

Segundo ouvimos, o snr. Raul da Silva Duarte, é um alumno do Conservatorio, com o curso ainda por concluir. Se assim é, não podemos perceber que um estabelecimento official, como o Conservatorio, consinta que os educandos se apresentem publicamente, por dinheiro, e no seu proprio edificio, a exhibir inconscientemente habilidades musicas, que são um desprestigio para a arte, e para o Conservatorio, quando não tenham outros muitos e variados inconvenientes.

E' possivel que o snr. Duarte se não tenha enganado na propria vocação; é possivel que disponha realmente de qualidades que lhe permittam vir a tocar violino em publico. Não queremos negar isso nem o queremos de modo algum desanimar; mas, por Deus, dê tempo ao tempo e creia que, se d'aqui a alguns annos o podermos ouvir e lhe reconhecermos mais consciencia e mais conhecimento de causa, não havemos de sêr dos ultimos a applaudil-o nem dos mais remissos em elogial-o.

Felizmente teve o snr. Duarte alguns valiosos collaboradores no seu concerto, o que fez com que não dessemos por mal empregado o tempo e de tal ou qual modo se compensasse a natural desillusão que não podia deixar de causar-nos o pseudo-violinista.



O concerto Palmieri, na noute de 6 e tambem no Conservatorio, permittiu-nos conhecer dois artistas, deveras recommendaveis — o proprio Michele Palmieri, tenor napolitano que exerce no Rio de Janeiro o logar de professor de canto do Conservatorio e a sua discipula, D. Stella P. Magalhães, joven brasileira que vae encetar na Italia a carreira lyrica.

O tenor Palmieri que se fez ouvir no *Ideale* de Tosti, no epilogo do *Mefistofele*,

(1) Il y a une œuvre de Beethoven connue sous le nom de sonate en *ut dièse mineur*, dont l'adagio est une de ces poésies que le langage humain ne sait comment désigner. Ses moyens d'action sont fort simples; la main gauche étale doucement de larges accords d'un caractère solennellement triste et dont la durée permet aux vibrations du piano de s'éteindre graduellement sur chacun d'eux; au-dessus, les doigts inférieurs de la main droite arpègent un dessin d'accompagnement obstiné, dont la forme ne varie presque pas depuis la première mesure jusqu'à la dernière, pendant que les autres doigts font entendre une sorte de lamentation; *efflorescence mélodique* de cette sombre harmonie.

na romanza da *Tosca*, repetida a pedido do publico e no dueto do *Guarany* com a sua discipula, mostrou uma optima dicção e um excepcional talento em atenuar e modificar os defeitos de uma voz um tanto rebelde, nem sempre bella e por vezes exigua tanto em extensão como mesmo em volume.

Apesar d'essas deficiencias do orgão vocal, causou-nos verdadeiro prazer, porque além de bõa escola, hoje tão rara em cantores, diz com muita paixão e propriedade, o que tambem não é vulgar.

A discipula, como é natural, participa das bõas qualidades do mestre, crescendo que tem uma fresca voz de 17 annos muito brilhante e pastosa, que fará com certeza excellente figura nos primeiros palcos lyricos, onde esperamos vê-la mais tarde. Cantou com unanime applauso, alem do dueto a que já nos referimos, a aria da Gioconda e *Vissi d'arte* da *Tosca*, que teve a gentileza de repetir, por solicitação do publico.

Tomaram tambem parte n'este concerto a sr. D. Africa da Silva Calimerio, e os snrs. Cecil Mackee e Visconde de Moraes, que o publico applaudiu com o costumado enthusiasmo.

Ao piano de acompanhamento estavam os snrs. dr. Illydio Amado, Alberto Sarti e Aroldo Silva.



A notavel professora de canto, sr.^a D. Carolina Palhares deu uma *séance* de alumnas, na sua propria residencia, em 9 do corrente mez.

Como não pudemos ter a fortuna de assistir a ella pedimos venia para transcrever do nosso estimavel collega do *Diario de Noticias* as seguintes linhas, que darão uma ideia do que foi essa audição.

«Discipula dilecta do maestro Roncagli, a sr.^a D. Carolina Palhares aproveitou com o melhor exito o sabio conselho d'aquelle professor, tornando-se uma cantora primorosa que, além da mais linda e bem emittida voz de soprano, dispõe de todos os recursos, de todos os dotes de uma verdadeira artista.

Pois esses segredos de emissão, esses dotes que herdou do seu professor, transmite-os madame Palhares com rara habilidade ás suas discipulas, como tivemos occasião de apreciar no concerto a que nos estamos referindo, e em que todas se apresentaram brilhantemente e de fórma a merecerem o elogio da critica mais exigente.

N'esta audição, que teve um caracter bastante intimo e foi offerecida ao sr. conselheiro Araujo e Silva, tomaram parte as seguintes discipulas de madame Palhares: — D. Maria Josephina Pacifico, soprano ligeiro : D. Rita

da Silveira, soprano dramatico : D. Emilia Moraes e D. Victoria Pereira, sopranos lyricos : D. Hersilia Neuparth e D. Irene Duarte, meios sopranos. Algumas d'estas vozes, contando pouquissimo tempo de estudo, encontram-se já perfeitamente definidas e progridem de dia para dia ; outras revelam já qualidades que cantoras consagradas não regeitariam. Estão n'este ultimo caso a sr.^a D. Josephina Pacifico, que cantou primorosamente, além d'outros trechos, a difficil aria do 1.^o acto da *Lucia*, e a sr.^a D. Rita da Silveira que em *romanzas* que bem se adaptam ao seu temperamento e á sua bella voz, conseguiu extraordinarias ovações de toda a assistencia.

Accedendo a reiterados pedidos, tambem a sr.^a D. Carolina Palhares se fez ouvir em deliciosas *romanzas* de Tosti e de Massenet, fazendo-se applaudir entusiasticamente, como merecem as suas raras qualidades de cantora e a fórma habil como as sabe transmitir ás suas discipulas.



No domingo, 9 do corrente, pela 1 hora da tarde, teve logar na séde da Sociedade de Concertos e Escola de Musica, rua do Alecrim, 17, a apresentação dos trabalhos escolares dos alumnos que frequentam as aulas de piano, violino, violoncello e francez, superiormente dirigidos pelos distinctos professores Marcos Garin e C. Gonçalves, Francisco Benetó, Moraes Palmeiro e Calixto.

O programma que constava de solos de piano, violino, violoncello, o trio xi de Haydn e poesias em francez, foi cumprido á risca, mostrando todos os alumnos quanto tem aproveitado com os sabios conselhos dos seus professores.

Especialisaremos comtudo uma fantasia da *Filha do Regimento*, de Alard, executada pela menina Sarah de Sousa, gentil filha do nosso amigo Anselmo de Sousa, e que apesar da sua tenra idade, mostrou possuir extraordinarias qualidades de violinista, os *Arabescos* de Schumann e *Gavotte* de Grieg, proficientemente executada ao piano pela sr.^a D. Rachel de Sousa, a *Chaconne*, de Durand, que mereceu as honras de *bis* e em que a sr.^a D. Arminda Palmeiro nos patenteou apreciaveis dotes pianisticos e rara intuição artistica, o preludio n.^o 15 de Chopin e *Fileuse* de Raff pela sr.^a D. Ermelinda Godinho, pianista de valor, e uma melodia de Massenet para violoncello a que o sr. Victor Guimarães deu bastante relevo e sentimento.

Estas provas escolares, que proseguem hoje, 15, com uma segunda audição de

alumnos das mesmas disciplinas, dão muita honra a esta interessante Sociedade, que não descursa um momento os elevados intuitos a que presidiu a sua fundação e continua nobremente os seus trabalhos de educação artistica.

Ao nosso amigo, sr. Anselmo de Sousa, illustre fundadôr da Sociedade e ao corpo docente da mesma damos as nossas melhores felicitações.



DO PAIZ

Tem sido muito ovacionada em Italia a nossa gentil *prima donna* Angelina Valadim.

Foi em 25 de dezembro do anno passado que a sympathica discipula de Napoleão Vellani e de Marco Foá fez a sua estreia no paiz do *bel-canto*. Cantou n'essa noute o *André Chénier* no theatro de Savona e tanto n'essa cidade como em Milão, onde pouco depois se apresentava, ganhou fóros de artista distinctissima no seu genero.

Angelina Valadim, como se sabe, tomou lições de aperfeçoamento com a nossa conhecida e applaudida Eva Tetrzzini.



Partiram para Carnaxide, seguindo mais tarde para o norte do paiz, a illustre pianista, sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso e seu esposo, o sr. dr. Alberto Pedroso.



A sr.^a D. Stella P. de Magalhães, de que já fallamos na secção de *concertos*, deve estreiar-se brevemente no theatro lyrico de Milão, como soprano dramatico. A sua primeira opera será a *Iris* de Mascagni.



Noticias militares :

—Foi collocado na 3.^a companhia de reformados, por haver sido julgado incapaz do serviço activo, o musico de 1.^a classe de infantaria 4, sr. Manuel Nunes Junior.

—Foi concedida a readmissão no serviço activo ao musico de 3.^a classe de infantaria 7 sr. Jayme Augusto de Magalhães.

—Teve passagem para infantaria 15, o musico de 1.^a classe do deposito disciplinar, sr. Manuel Gonçalves Batalha.

—O musico de 1.^a classe de infantaria 23 Alfredo Vicente de Almeida pediu para passar a infantaria 4 por troca com o musico de 1.^a classe Antonio da Costa Lourenço.

—Requeru para ir servir no ultramar, na classe immediata, o musico de 2.^a classe de caçadores 6 sr. José Mendes.

—Passaram para infantaria 4 o musico de 1.^a classe de infantaria 23, sr. Antonio da Costa Lança e para a 3.^a companhia de reformados o musico de 2.^a classe de infantaria 13, sr. Manoel Joaquim de Araujo.

—Foi promovido a musico de 3.^a classe o aprendiz de infantaria 1, Alvaro da Costa, sendo transferido para caçadores 6.

—Foram promovidos a musicos de 2.^a classe os musicos de 3.^a, de infantaria 13, Gabriel Pinto, e de infantaria 5, Amadeu do Nascimento de Moura Staffel.



Freitas Brito abandonou a empresa do theatro de S. João, do Porto, tomando-a o sr. Luiz Faria em sociedade com o maestro director d'orchestra.

Os novos empregarios estão tratando de organizar companhia para a proxima epoca e n'esse sentido se dirigem brevemente para França e Italia.



Para a capella que a sr.^a marquezia de Fayal mandou construir ultimamente, junto ao palacio de sua residencia, ao Rato, veiu um orgão de Cavillé-Coll, que se estreiou em 11 do corrente mez por occasião da primeira missa alli celebrada.

Com este é o quarto instrumento de Cavillé-Coll que existe em Lisboa, estando os outros no theatro de S. Carlos, no palacio da sr.^a duqueza de Palmella e na igreja de S. Luiz, Rei de França.

O organista encarregado de estrear o novo orgão da capella Fayal foi o nosso amigo e distincto artista Léon Jamet.



Partiu para o Estoril o illustre professor Emilio Lami.



Está entre nós, em goso de férias, o talentoso violinista Raul da Silva Pereira, que voltará em fins de Agosto para a Allemanha, afim de proseguir nos seus trabalhos artisticos.

Agradecemos-lhe a gentileza da visita com que honrou esta redacção.

Vae muito brevemente para a Allemanha o sr. Luiz Costa, primoroso cultor do piano na capital do Norte.

O sr. Costa, cujo nome tem figurado frequentemente nos programmas dos melhores concertos portuenses, tenciona visitar os primeiros centros musicas do estrangeiro, fixando-se por fim em Berlim onde receberá lições do nosso grande pianista Vianna da Motta.



Os alumnos que terminaram os seus cursos no Conservatorio, durante a ultima quinzena, foram os seguintes :

PIANO — (5.º anno do curso geral)

Alice Monica N. de Almeida...	10 valores
Amelia Laura da Luz.....	9 »
Albertina A. M. Affonso Rios..	10 »
Beatriz dos Santos.....	9 »
Cora Gomes da Silva.....	10 »
Carmina Cordeiro Borges . . .	8 »
Celeste Milner Osorio Anjos ..	9 »
Ermelinda C. Dias de Azevedo.	5 »
Guilhermina V. Coutinho	8 »
Henriqueta Larcher.....	8 »
Iphigenia M. Rodrigues	10 »
Lydia E. da Silva	9 »
Maria Augusta Paulo	7 »
Victoria D. Alves Ferreira	8 »

PIANO — (3.º anno do curso superior)

Isaura Ribeiro da Costa.....	10 valores
Julia Amalia da Fonseca	5 »
Julia Candida Paulo	8 »
Luiza I. de Sousa Jordão	10 »
Maria da Conceição Costa	10 »
Mary J. Amzalak	10 »
Maria Carreira Alves	10 »

VIOLINO — (2.º anno do curso superior)

Ivo F. da Cunha e Silva	9 valores
Philomena C. da Rocha.....	7 »

DO ESTRANGEIRO

Pensa-se muito seriamente em França na supressão dos tambores regimentaes, sob pretexto de que são incommodos na marcha e tem pouca utilidade!

Vê-se que as leis do rythmo são materia desconhecida para os ditadores do exercito francez!



Em Verona vae ser posta em leilão a legendaria casa de Julieta, a doce amada de Romeu Montecchio.

Se o municipio de Verona a não adquirir para perpetuar a lembrança da tocante legenda, evocadora indirecta de admiraveis obras primas da litteratura e da musica, é bem possivel que a poetica morada de Ju-

lieta vá passar ás mãos de algum... merceeiro.



Uma descoberta inglesa, bastante interessante para a violaria moderna.

Trata-se de um estandarte de nova forma, construido em vulcanite e seguro ao botão inferior do instrumento, de forma a não tocar sobre o tampo. Bastaria esta ultima circumstancia para garantir, a nosso ver, melhores condições de vibração ao tampo harmonico.

O nome do inventor é Marshall B. Hern, que afirma que o seu *Resonatone*, pois assim se chama o novo estandarte, melhora e augmenta consideravelmente a sonoridade dos instrumentos a que é applicado.



Na praça *Savoia*, em Palestrina (Italia), vae erigir-se um monumento ao grande Pierluigi, mais conhecido por Palestrina, nome da sua terra natal.

Formou-se para esse effeito em Roma uma commissão presidida pelo cardeal Vincenzo Vanutelli, bispo de Palestrina.



Fez-se ouvir ha pouco em Wurtzburgo um adagio para clarinete e instrumentos de cordas, que pertence ao pequeno numero das composições de Ricardo Wagner, que ainda não foram gravadas. O trecho é dedicado ao clarinetista Christian Rummel que foi mestre de capella em Wiesbaden, de 1815 a 1841, e morreu n'essa cidade em 1849.



O conhecido compositor Vincent d'Indy aceitou a direcção de uma série de concertos de orchestra em Boston, durante o mez de dezembro proximo.



O famoso Paderewski gasta por anno, em seguros de vida, a bagatella de 4 contos de réis. Dizem que só as mãos do celebre pianista estão seguras em 50 contos!



De 16 a 19 de agosto terá effeito em Strasburgo um congresso internacional de canto gregoriano, por iniciativa da commissão pontificia, que Pio X nomeou para a restauração da musica de egreja.

O programma do congresso compõe-se de conferencias e de audições modelos.



Por esta data, realisam-se em Zurich g andes festas orpheonicas, para que foram convidadas todas as sociedades coraes da

confederação. Julga-se que estarão reunidos nada menos de 10.000 cantores em Zurich.



Annunciam os jornaes italianos que Umberto Giordano, o auctor do *Andréa Chenier* e da *Siberia*, se prepara para a composição de uma opera franceza em quatro actos, com libretto de Sardou e Moreau, e cuja acção se passa no Egypto por occasião da expedição napoleonica.



A orchestra philharmonica de Berlim foi inaugurar a estação de Scheveningue, formosa praia hollandesa, com um optimo concerto orchestral, que teve, como se poderá suppôr, um brilhante exito.



Annuncia-se a proxima representação em Turim de uma nova opera de Ricardo Strauss, o auctor do poema symphonico, *Morte e Transfiguração*, que aqui foi executado pelas orchestras Nikisch e Lamoureux. O titulo da nova peça é *Salomé*.



A *Cantata inaugural* para a exposição internacional de Liège, foi escripta por Theodoro Radoux e por elle dirigida no acto da inauguração.

No final da *Cantata* reunem-se todas as potencias sonoras: orchestra, fanfarra, sinos, carrilhões e massas coraes.



Francesco Ciléa, auctor da *Adriana Lecouvreur*, demittiu-se das cadeiras artisticas que regia no Instituto Real de Musica de Florença.



Dizem os jornaes que temos á vista que o *Parsifal*, que pela primeira vez se cantou na Europa (fóra de Bayreuth) teve agora em Amsterdam um exito colossal.

As duas representações da obra prima de Wagner, que se realisaram em 20 e 22 do mez passado, custaram 200.000 francos.



Os grandes espectaculos ao ar livre parece que vão creando numerosos adeptos lá por fóra.

Já havia as *arenas* de Orange e de Béziers (em França), onde se tem dado representações espectaculosas e cantado operas adequadamente escriptas para essas vastissimas scenas. Agora é a Italia que tambem quer ter as suas *arenas* e, em Verona, está-se

tratando de desobstruir e reconstruir as antigas *arenas*, para as adaptar ás exigencias modernas d'esse genero de espectaculo.

Pensa-se tambem em sollicitar de Gabriele d'Annunzio um novo drama, para ser representado por occasião da reinauguração das *arenas* veronesas.



Tem sempre um alto valor os estudos sobre o *folk-lore* europeu e todos os materiaes que se possam colligir para o esclarecimento d'um tal assumpto são de um auxilio inestimavel não só para os musicos mas mesmo para os curiosos que desejem conhecer esta parte tão interessante da historia artistica dos povos.

Está ainda por encetar um trabalho comparativo da canção popular, tal qual se encontra nos diversos paizes da Europa e mesmo a proposito de cada um d'elles é enorme a lucta dos mais conscienciosos folk-loristas para destrinçar entre as canções que o povo usa, aquellas que verdadeiramente lhe pertencem e d'elle nasceram.

Uma *Esquisse d'une bibliographie de la Chanson populaire en Europe*, que temos presente, mercê da amabilidade do seu auctor, o distincto archivista e paleographo francez Pierre Aubry, é um bello auxiliar para este genero de estudos. Dá este precioso livrinho a indicação bibliographica dos principaes albuns de canções populares que se tem publicado no continente europeu, sendo objecto de capitulos especiaes a Grecia, França, Italia, Hespanha, Portugal, Romaniaa, Irlanda, Escossia, Dinamarca, Suecia, Noruega, Russia, Turquia, etc., etc.

Muito agradecemos ao illustre compilador as referencias que se digna fazer ao director d'esta revista.



Um gracioso *scherzo* para instrumentos de corda, sob o titulo de *Guignol*, tambem nos veiu ultimamente endereçado.

E' um trecho de effeito seguro, quando bem executado, e muito folgariamos de o ouvir a alguma das nossas sociedades de quarteto.

Ao seu auctor, o sr. Luiz Lombard, agradecemos a gentileza do offerecimento.